
on blindness

curadoria mateus nunes

nara roesler new york

abertura 12 de junho, 6–8 pm

exposição 12 de junho – 9 de agosto, 2025



Brígida Baltar, *A coleta da neblina*, 1996 [detalhe].

A Nara Roesler Nova York tem o prazer de apresentar *On Blindness*, exposição coletiva com curadoria de Mateus Nunes que explora o fenômeno da cegueira como catalisador poético na produção de um amplo conjunto de artistas de diferentes gerações e origens. O conceito da exposição surge da intersecção entre a literatura e a biografia de Jorge Luis Borges (1899–1986), escritor argentino que viveu as três últimas décadas de sua vida na cegueira. Através de diversas mídias – incluindo pintura, escultura, desenho, fotografia e vídeo –, as obras exploram as possibilidades da experiência artística e poética para além da visão, através da visão obscura, excedida, metafísica, tátil, mínima, etc.

On Blindness reúne trabalhos históricos de artistas como Agnes Martin, Armando Reverón, Robert Mapplethorpe,

Antonio Dias, Mira Schendel, Milton Resnick, Tomie Ohtake, Brígida Baltar e Leonilson; obras de artistas consagrados, como Carlito Carvalhosa, Fernanda Gomes, Paulo Monteiro, Jac Leirner, Danh Vō, Solange Pessoa e Bernardo Ortiz; e vozes emergentes como Paula Siebra, Juliana Frontin, Ben K. Voss, João Trevisan e Thiago Hattner.

Desviando-se na experiência da cegueira biológica, embora concentre-se na obra literária e na vida de Jorge Luis Borges, a exposição se concentra na hipótese de uma cegueira poética, presente, por exemplo, nos trabalhos da fase branca do venezuelano Armando Reverón (1889–1954), na qual o artista sintetizou a representação da luz, beirando o monocromático, com predominância do branco. “Ele produziu essas paisagens brancas que, ao mesmo tempo,

apontam para uma fruição da luz a pino muito próxima ao Equador, mas que também negociam com a plataforma da pintura, da tela crua como imagem, em uma relação entre áreas pintadas e não pintadas”, comenta o curador.

A luz e a presença do suporte em branco como o próprio corpo do trabalho, também está presente na obra *Sem título* (2022) de Fernanda Gomes (1960), que apresenta duas telas quadradas em dois tons ligeiramente diferentes de linho cru, justapostas, sobre as quais incide um quadrado de projeção de luz, fazendo surgir ali um terceiro quadrado que une os dois de baixo. De modo oposto, com muita carga matérica cobrindo totalmente a tela de grandes dimensões, *Last Elephant* (1979) do estadunidense Milton Resnick, expoente do expressionismo abstrato, apresenta uma pintura obscura, onde os tons de preto que a compõem variam em um ruído óptico.

De acordo com Nunes, a cegueira pode ser vista como uma ferramenta conceitual relevante no contexto da modernidade latino-americana, contribuindo para a dissolução de categorias eurocêntricas na arte. O ato de não ver, ou não distinguir com definição, segundo o curador, guarda profunda relação, por exemplo, com o exercício da imaginação, componente fundamental para o desenvolvimento do realismo mágico latino-americano, movimento literário que surgiu na América Latina no século XX, caracterizada por incorporar elementos fantásticos e fabulados em um contexto realista e que tem Borges, que ficou cego, como um de seus principais representantes. No universo da cegueira, há vetores ambíguos de imaginação (entendendo “imaginar” como “propor imagem”): enquanto a pessoa cega imagina o que vê a pessoa não-cega, o inverso acontece. A imaginação, portanto, centra-se na possibilidade de formação de imagens além da visualidade.

A cegueira poética, por sua vez, está presente também em um dos destaques da mostra: uma fotografia de Robert Mapplethorpe (1946–1989) retrata a pintora Alice Neel (1900–1984) de olhos fechados. “Esse trabalho é um dos pontos de abertura da exposição, pois mostra uma pintora que muito viu e que muito produziu imagens, agora de olhos fechados, em um momento temporário e espontâneo de cegueira. Me interessa esse labirinto de ambiguidades. A

imagem retrata alguém que produz imagens e é uma imagem feita também por um produtor de imagens”, conta o curador.

A noção de imaginar ou propor formas outras de visibilidade é um dos temas centrais da exposição. A artista nipo-brasileira Tomie Ohtake (1913–2015), por exemplo, também se vale de uma cegueira não patológica e temporária para realizar os trabalhos que ficaram conhecidos como “pinturas cegas”. Nestas obras, produzidas entre 1959 e 1962, Ohtake trabalhava com os olhos vendados, buscando ajustar seu olhar ao ponto cego para imergir na experiência de pintar.

Já as esculturas apresentadas do brasileiro Paulo Monteiro (1961), em bronze e pintadas com tinta a óleo branco, são exemplares do que o curador se refere como uma “visibilidade tátil”, apresentando as marcas dos dedos e da mão do artista que pressionam o sólido de argila que serviu como molde para a escultura em bronze. Enquanto isso, os trabalhos da pintora canadense Agnes Martin (1912–2004) questionam a associação automática da divisão de um plano por linhas horizontais com representações de paisagens encaminhando-se para uma imagem introspectiva. Trabalhos como os da *série Objetos gráficos* da suíça-brasileira Mira Schendel (1919–1988) e as pinturas em preto-e-branco do brasileiro Antonio Dias (1944–2018) contribuem para construir uma relação entre cegueira e linguagem, mostrando que ambas podem coabitar o mesmo limiar incerto.

Mateus Nunes é curador, crítico de arte e pesquisador brasileiro. Doutor em História da Arte pela Universidade de Lisboa, tem pós-doutorados em História da Arte e da Arquitetura pela Universidade de São Paulo e em Estudos Amazônicos pela Universidad São Francisco de Quito. Publica frequentemente seus textos em revistas como Artforum, ArtReview, Flash Art, Frieze e Mousse, além de periódicos acadêmicos, e é curador assistente do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

artistas participantes

brígida baltar, carlito carvalhosa, antonio dias, juliana frontin, fernanda gomes, thiago hattner, jac leirner, agnes martin, paulo monteiro, tomie ohtake, bernardo ortiz, solange pessoa, armando reverón, leônilson, milton resnick, mira schendel, paula siebra, joão trevisan, robert mapplethorpe, ben k. voss and danh vo

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 3063 2344

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art

sobre nara roesler

Nara Roesler is a leading Brazilian contemporary art gallery, representing seminal Brazilian and international artists who emerged in the 1950s as well as preeminent mid-career and emerging artists who dialogue with the currents put forth by these historical figures. Founded by Nara Roesler in 1989, the gallery has consistently fomented curatorial practice while upholding the utmost quality in art production. This has actively been put into practice through a select and rigorous exposições program created in close collaboration with its artists; the implementation and fostering of the Roesler Curatorial Project, a platform for curatorial projects; and continued support to artists beyond the gallery space, working with institutions and curators in offsite shows. In 2012, the gallery doubled its São Paulo exposição space, in 2014 it expanded to Rio, and in 2015 it opened in New York City, continuing its mission to provide the best platform for its artists to show their work.

on blindness

curadoria matheus nunes

opening

12 de junho, 6–8pm, 2025

exposição

12 de junho –9 de agosto, 2025

nara roesler new york

511 W 21st St, New York

contato para imprensa

kim donica

kd@kimdonica.com

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 3063 2344

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.artwww.nararoesler.art